

INTERVENÇÃO DOCENTE: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO TRABALHO COM A LINGUAGEM NÃO VERBAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Elenice Alves Pereira (1);

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, e-mail: elenicealves13@hotmail.com

Francisca Edneide Cesário de Oliveira (1)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, e-mail: edneideoliv@hotmail.com

Maria da Conceição Costa (2);

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, e-mail: ceicaomcc@hotmail.com

Márcia Mychelle Nogueira do Nascimento (3);

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, e-mail: marciamychelle1@gmail.com

RESUMO

Este trabalho é fruto das discussões realizadas na disciplina de Epistemologia do Ensino do Curso de Mestrado Acadêmico em Ensino – CMAE do *Campus* Avançado Professora Maria Eliza de Albuquerque Maia – CAMEAM da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Tem-se como objetivo compreender como se dão as práticas interventivas do professor frente à compreensão da linguagem verbal e não verbal, considerando o trabalho desenvolvido em uma biblioteca da rede privada de ensino da cidade de Pau dos Ferros/RN. Para tanto, utilizamos como recurso metodológico o caso de ensino, com base em observações realizadas com alunos dos Anos Iniciais, especificamente, com o primeiro ano. Nesse sentido, utilizaremos como aporte teórico, autores como Charlot (2014) Freire (2003), Pereira (2015), Gomes (2010) dentre outros, que nos ajudam a compreender o processo de ensino e aprendizagem, a formação do leitor, bem como, as definições da linguagem verbal e não verbal. Portanto, destacamos que o processo de ensino e aprendizagem envolve tempo, e que a compreensão da leitura se dá não somente no texto verbal, como também no não verbal, uma vez que, possibilitamos espaços formativos para que os alunos possam construir significado acerca do conhecimento/atividade apresentada.

Palavras-chaves: Aprendizagem; Construção de sentidos; Linguagens; Ensino; Prática Interventiva.

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido a partir de reflexões realizadas na disciplina Epistemologia do Ensino do Curso de Mestrado Acadêmico em Ensino – CMAE do *campus* Avançado Professora Maria Eliza de Albuquerque Maia – CAMEAM da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Desse modo, tem-se como objetivo compreender como acontecem as práticas interventivas frente à compreensão da

linguagem verbal e não verbal, considerando o trabalho desenvolvido em uma biblioteca da rede privada de ensino da cidade de Pau dos Ferros/RN.

Neste trabalho, quando falamos em práticas interventivas, nos referimos às ações realizadas pela professora/bibliotecária, na tentativa de compreender como a mesma entende o processo de alfabetização, como as crianças estão sendo inseridas no mundo das letras, dentro do espaço da biblioteca, através da leitura literária e se elas, realmente, têm encontrado sentido para o conhecimento que está sendo posto, para que possam utilizá-lo significativamente.

Entendemos que, se faz necessário produzir reflexões sobre a formação de leitores, e como os professores tem possibilitado essa formação e, sobretudo, como a linguagem verbal e não verbal vem sendo vista dentro da escola, tanto na sala de aula, como nos espaços educativos como a biblioteca, de modo que o texto não verbal (a imagem) seja visto como uma linguagem produtora de saberes, que não corresponde apenas à ilustração, mas a uma história cheia de significados, que pode vir ou não, acompanhada do texto verbal.

Assim sendo, temos como objeto de estudo, um caso de ensino, realizado com uma bibliotecária, na qual, utilizaremos como nome fictício Sônia, para garantir o anonimato do nosso sujeito de pesquisa. A mesma desenvolve atendimentos semanais com os alunos da educação infantil, anos iniciais e finais do ensino fundamental. Nesses atendimentos, a bibliotecária utiliza como recursos didáticos várias atividades como: contação de história, brincadeiras de roda, atividades psicomotoras, músicas, dinâmicas, entre outras, que auxiliam o processo de aprendizagem e o incentivo a leitura.

Após o desenvolvimento dessas atividades, os alunos consultam os livros e passam o prazo de sete dias com o mesmo. Nesse contexto, destacamos a participação da família para realizar o acompanhamento das leituras dos livros, colaborando no incentivo para a formação de leitores e aprendizes permanentes. Portanto, temos como justificativa para a construção desse trabalho, a necessidade de entender como deve acontecer a prática interventiva do professor no espaço da biblioteca de modo que, esse espaço não seja um ambiente que dê continuidade ao ensino construído na sala de aula, mas, que o contato com a literatura possa possibilitar uma ponte entre o mundo imagético e o real, ou seja, que possibilite trabalhar diferentes linguagens no espaço educativo que é a biblioteca, e não apenas o incentivo ao texto verbal.

METODOLOGIA

Assim sendo, a metodologia deste trabalho está assentada na pesquisa qualitativa, uma vez que aproxima os sujeitos do objeto, para isso, utilizamos o caso de ensino com base em observações realizadas com alunos dos anos iniciais, especificamente, com o primeiro ano, para compreender as reflexões estabelecidas com o texto durante a leitura realizada no espaço da biblioteca, e como a professora/bibliotecária desenvolve a sua prática com vista na linguagem verbal e não verbal durante a seleção e leitura dos livros. Nesse sentido, concordamos com Duek (2011) quando afirma que os casos de ensino, por apresentar situações concretas de ensino no cotidiano escolar, “podem auxiliar no estabelecimento do processo reflexivo pelos professores sobre tais situações levando-os a identificar aquilo que sabem ou deveriam saber de modo a transformar o conhecimento em ensino”. (DUEK, 2011, p.61)

Nessa ótica, descreveremos nas sessões seguintes, a construção de sentidos realizada por uma aluna, a qual chamaremos de Ana, estudante do 1º ano dos anos iniciais, que a bibliotecária Sônia relata no caso de ensino, ocorrido durante um atendimento realizado na biblioteca, na qual, a aluna faz a escolha de um livro para levar para a sua casa. Além disso, pontuamos a formação do leitor, e a necessidade de (re) pensar e avaliar a prática docente, cotidianamente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Compreender o processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos demanda tempo, e exige do professor a capacidade de dialogar com diferentes linguagens e mecanismos que perpassam o conhecimento e o ato de aprender. Para tanto, se faz necessário entender as práticas de ensino realizadas pelos professores, uma vez que, “ensinar é, ao mesmo tempo, mobilizar a atividade dos alunos para que construam saberes e transmitir-lhes um patrimônio de saberes sistematizado, legado pelas gerações anteriores de seres humanos”. (CHARLOT, 2014 p.53)

Pensando dessa forma, compreendemos que a mobilização dos saberes se dá em todos os espaços formativos da escola, e que a mesma, possui uma função na vida dos sujeitos, já que, na interação com o outro e com o mundo é preciso aprender a lidar com as singularidades de cada um, e sobre a sua necessidade de aprender. Afinal, para que aprendemos? Qual a função da linguagem? Da escrita? De acordo com as reflexões de Charlot (2014) é preciso

antes de tudo, construir sentido e significados, para podermos aprender alguma coisa. Nesse sentido, o autor pontua que:

O mais importante é entender que a aprendizagem nasce do questionamento e leva a sistemas constituídos. É essa viagem intelectual que importa. Ela implica que o docente não seja apenas professor de conteúdos, isto é, de respostas, mas também, e em primeiro lugar, professor de questionamento. Quanto aos alunos, às vezes, andarão sozinhos, com discreto acompanhamento da professora e, outras vezes, caminharão com a professora de mãos dadas. O mais importante é que saibam de onde vêm, por que andam e, ainda, que cheguem a algum lugar para o qual valha a pena ter feito à viagem. (CHARLOT, 2014 p.53)

Assim sendo, é preciso instaurar significados as palavras e escritos que fazemos, pois as crianças tendem a questionar-se sobre o uso social da escrita, da língua, estabelecendo relações sobre o que devemos aprender, e por que o fazemos dessa forma, ou de outra. Nessa viagem, o importante é questionar, problematizar, dialogar e construir o conhecimento de forma significativa, fazendo o trajeto percorrido valer a pena, construindo sentido. Nesse sentido, o autor complementa que “ao tentar resolver problemas à mente do aluno mobiliza-se e constrói respostas, que são vias de acesso ao saber”. (CHARLOT, 2014 p.52) por isso que, a atividade de quem aprende, é o fundamento da aprendizagem, ou seja, é preciso mover-se, para compreender o próprio processo de aprendizagem.

Nessa ótica, ressaltamos a experiência vivenciada pela bibliotecária Sônia no contexto das práticas interventivas realizadas na biblioteca, uma vez que, a mesma revela que é necessário “avaliar cotidianamente a nossa prática em uma perspectiva interdisciplinar, pois o ensino não é neutro, ele é capaz de transformar as pessoas, e nós, professores, somos o principal mediador nesse processo” (EXCERTO DA BIBLIOTECÁRIA SÔNIA, 2017). Desta forma, percebemos que a bibliotecária consegue estabelecer uma ponte entre o que é ensinado e o que deve ser aprendido durante a aprendizagem, e que nesse caminho o aluno precisa estabelecer relações com o conhecimento, de modo significativo.

Nessa busca de sentido, destacamos as ideias de Charlot (2014 p.65) quando revela que “uma atividade tem uma eficácia e um sentido. Ela é eficaz quando as operações permitem chegar ao resultado visado. O sentido da atividade [...] depende da relação entre motivo e objetivo. Quando ambos coincidem, é mesmo uma atividade; senão, é apenas uma ação”. Com base nessas reflexões, apontamos a prática interventiva desenvolvida pela bibliotecária Sônia, quando a mesma relata que:

Quando eu assumi o trabalho na biblioteca, em maio deste ano de 2017, eu tive muitos desafios, primeiro que minha experiência de sala de aula sempre foi com aluno dos anos iniciais, e depois porque também teria que trabalhar com adolescente. Lembro-me bem, que no início tive bastante medo de conseguir da conta, sentia-me deslocada, como se aquele espaço não fosse meu, nem construído por mim. Foi questão de dias, comecei a ouvir as necessidades dos professores, ver as expectativas, o que elas esperavam. Fiz o mesmo com os alunos, fiz a sondagem de como eles sonhavam, desde o espaço da biblioteca até o desenvolvimento das atividades. Com base no relato de cada um, e do apoio da parte diretiva e pedagógica da escola, comecei a desenvolver, a cada dia, uma rotina de atividades diferenciadas, com jogos, contação de histórias, brincadeiras, músicas, e dentre outros. Ao longo dos dias, fui percebendo que algumas crianças, ainda assim, não conseguiam se interessar pela leitura, então, o meu lado alfabetizadora conduziu-me ao processo de reflexão sobre: até que ponto isso tem sentido para o meu aluno? Quais relações essas crianças e adolescentes têm feito com o ensino produzido aqui, e o contexto de sala de aula? (EXCERTO DA BIBLIOTECÁRIA SÔNIA, 2017)

Dessa forma, podemos perceber que a bibliotecária estabelece relações com teoria e prática, e busca, na sua prática, inserir os sujeitos em uma perspectiva formativa e humanizada, pois, no seu relato percebemos o cuidado em cada palavra de reflexão feita para melhorar o ensino e a aprendizagem dessas crianças e adolescentes. Por assim ser, a mesma procura construir possibilidades diversas para formar leitores críticos-reflexivos, que questionem e que entenda o significado do conhecimento.

Sendo assim, é preciso conhecer o aluno na sua singularidade e subjetividade, entendendo que cada um possui o seu jeito de aprender, nesse aspecto, a bibliotecária Sônia destaca que:

Cada aluno percebe o mundo do seu jeito, cada atendimento realizado na biblioteca possui um significado para eles. Por isso, me preocupo em planejar cada ação, cada atendimento, observando sempre a faixa etária e as necessidades de cada um. Por isso, e por muito mais, propiciar um momento de aprendizagem através do texto literário não é nada fácil. É preciso motivar encantar, dialogar numa linguagem clara e objetiva. (EXCERTO DA BIBLIOTECÁRIA SÔNIA, 2017)

Mediante a fala da bibliotecária, percebemos que a mesma deixa claro a necessidade de penetrar no mundo da criança, de modo que possa entender os seu processos intrínsecos, motivando os sujeitos a aprender e encantando-se com a literatura e com o ato de aprender. Desse modo, o aluno poderá encontrar mundos novos, descobrir novas possibilidades de aprender e construí o próprio conhecimento, como afirma Charlot (2014) o ser humano ocupa uma posição no mundo, uma função, e que, “a partir dessa

posição, ele tem uma atividade sobre o mundo. A atividade do aluno na sala de aula e fora dela é tão importante quanto a sua categoria social [...] para se entender o que está acontecendo na escola”. (CHARLOT, 2014 p.65)

Devemos ensinar as crianças a aprender a aprender, aprender a ser e estar dentro da escrita/leitura/oralidade, como sujeitos autores da sua própria aprendizagem, para que assim, possam estabelecer relações entre significantes e significados chegando à condição de sujeitos da sua própria história (PEREIRA, 2015). Para tanto, dialogamos como as ideias de Cagliari (1988) quando acentua que “[...] nenhum processo de ensino pode se realizar, se o professor desconhece o que acontece com o aluno no processo de ensino-aprendizagem”. (CAGLIARI, 1998, p. 69)

Dessa forma, destacamos a necessidade de conceber o texto literário, a literatura como práticas de leituras significativas, além de incentivar o gosto pela leitura, o ler por prazer, a fim de formar leitores através de práticas de leituras significativas, despertando para o ensino e a aprendizagem contextualizados. Nessa lógica, dialogamos com as ideias de Freire (2003) quando revela que a compreensão de um texto depende da forma como os sujeitos compreendem o texto, mediante o contexto vivenciado, e que por isso, a leitura de mundo precede à leitura da palavra, pois, antes mesmo de compreender o código escrito, a criança está inserida em uma sociedade letrada, que o tempo inteiro exige dela posicionamento acerca do texto apresentado, seja ele verbal, ou não verbal.

Nesse sentido, Martins (2007) aponta que a função do educador “[...] não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses [...] segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta” (MARTINS, 2007, p. 34). Nessas possibilidades de poder experimentar as próprias ideias, é que surge o conhecimento significativo, só assim, o aluno poderá aprender, e o professor, poderá ensinar, e vice versa.

Nesse processo dialógico de interação com o outro e com o professor, Charlot (2014) destaca que é necessário mobilizar possibilidades de estudo no aluno, saber o motivo pelo o qual ele estuda. Nessa ótica, o autor se distancia das concepções de motivação porque pontua que a mesma é um movimento externo, já a mobilização é processo interno, que acontece dentro do aluno. Sendo assim, ele revela que “prestar atenção à mobilização dos alunos leva a interrogar-se sobre o motor interno do estudo, ou seja, sobre o que faz com que eles invistam no estudo. Motiva-se alguém de fora, mobiliza-se a si mesmo de dentro”. (CHARLOT, 2014 p.66)

Por fim, Charlot (2014) ainda revela que quando não existe nenhum sentido, não há atividade alguma, pois todos nós desenvolvemos alguma atividade por um motivo estabelecido, ninguém faz algo sem nenhum motivo, se o fizer, assim como já foi ressaltado anteriormente, não será uma atividade, mas sim, uma ação, logo, não haverá aprendizagem significativa, pois, o aluno estará agindo por um motivo não relacionado com o saber.

UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA INTERVENTIVA DA BIBLIOTECÁRIA

Conforme foi ressaltado anteriormente, fica claro a necessidade de ter um olhar aguçado sobre os sujeitos, se quisermos entender como se dá o processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, destacamos nessa sessão a prática exitosa desenvolvida pela bibliotecária Sônia no espaço da biblioteca.

Na ocasião, a mesma ressalta que, enquanto selecionava os livros postos no chão, fazendo apenas a leitura inicial da capa e das páginas, observando a interação dos alunos, a aluna Ana identifica que um deles está classificado como Educação Infantil, pois o nome estava colado na contracapa do livro, nesse momento, a aluna recusa-se a levar o livro, dizendo que o mesmo não pertencia à turma dela, pois eles faziam parte do primeiro ano do ensino fundamental I.

Diante disso, nas práticas interventivas realizadas pela bibliotecária Sônia, existe uma preocupação ao se perceber que estamos imersos em um mundo onde não se dá a devida valorização da literatura em sala de aula. É preciso ter consciência de que “vivemos hoje uma funda crise de cultura e que um dos caminhos para neutralizá-la é educar o leitor de ficção” (AMARILHA, 2013, p. 23).

Essa preocupação com a inserção da criança no mundo, e a construção de sentidos realizada por cada uma, é recorrente na fala e nas práticas de Sônia, quando aponta que:

O contato com a literatura não pode ser só um passa tempo, a visita ao espaço da biblioteca é um momento mágico, onde temos a oportunidade de encantar nossos alunos, e mais, de poder propiciar momentos significativos que durarão por uma vida inteira. Pois entendo que um livro não é feito só de palavras e combinações de imagens, ou vice versa, cada linguagem possui um significado, que precisa ser trabalhada de forma integrada. Nessa viagem literária, que se combinam palavras e imagens, minha maior preocupação é possibilitar espaços para a formação de sujeitos críticos reflexivos, que possam mudar sua condição de vida através da leitura. (EXCERTO DA BIBLIOTECÁRIA SÔNIA, 2017)

Dessa forma, percebemos que a bibliotecária Sônia consegue, através da sua fala, e das suas práticas, promover um processo de encantamento dos

alunos pelos livros, mostrando que aprender não é possível apenas na sala de aula, e que, os livros possuem, além do seu efeito imagético, uma história que precisa ser vivenciada por cada um. Além disso, Sônia deixa muito claro que, a linguagem não verbal (imagens) é tão importante como a linguagem verbal (escrita), pois entende que ambas não são dependentes, que uma não precisa vir acompanhada de outra, mas que ambas, possuem uma relação, mas cada uma possui seu significado próprio. Nesse aspecto, concordamos com Kress (2003, *apud* GOMES, 2010, p. 88) quando afirma “imagem e texto tem funções diferentes, cada modo deve ser utilizado para aquilo que é melhor, isto é: a escrita para dá conta dos eventos e a imagem para mostrar o mundo em questão, em termos significantes e das relações (espaciais) entre si”.

Nessa tentativa de compreender a relação da linguagem verbal e não verbal com o processo de alfabetização, devemos observar as relações estabelecidas entre o texto e a imagem, que ambas são processos independentes, embora possua relação direta ou indireta, dependendo do contexto utilizado, e de que modo, esta relação interfere no processo de ensino e aprendizagem, nesse aspecto, Sônia nos diz que:

Quando comecei a atender os alunos dos anos iniciais, mas precisamente, os alunos de primeiro e segundo ano, percebi certa dificuldade na hora de selecionar os livros para eles, pois alguns alunos não queriam somente os livros com imagens, outros queriam só com o texto verbal, e a maioria queria livros com as duas linguagens. Foi então que comecei a me preocupar com o pensamento que eu tinha enquanto professora alfabetizadora, que na biblioteca não era um contínuo da sala de aula, e que eles não tinham que utilizar aquele momento para alfabetizar, que propiciar a leitura espontânea, o gosto, o prazer, era mais importante do que ensinar o código escrito, a língua, porque isso eles já aprendiam na sala de aula. (EXCERTO DA BIBLIOTECÁRIA SÔNIA, 2017)

Assim sendo, Sônia nos revela uma prática significativa, para ela, e para os seus alunos, uma vez que, “a atividade escolar requer determinadas relações com o mundo, com os outros, consigo mesmo, com a linguagem, com o tempo, que definem certa relação com o saber e com a escola” (CHARLOT, 2014 p.69). Por isso, ensinar é processo complexo e que exige tempo, envolvimento, e compromisso com o conhecimento.

Portanto, este estudo faz um convite aos leitores para uma viagem através das práticas de leitura literária motivada pela bibliotecária Sônia, ao despertar a aluna Ana a descobrir as várias possibilidades que a literatura oferece de forma lúdica e significativa na vida de cada um, uma vez que: “não podemos pensar a questão da escola sem levar em conta o desejo. O aluno é um sujeito que tem desejos, que interpreta o mundo e sua

situação nesse mundo, o que está acontecendo e o que lhe está acontecendo”. (CHARLOT, 2014 p.77). Quando inserimos os textos literários em sala de aula propomos ao leitor um envolvimento com o mundo da fantasia, despertando a imaginação, possibilitando ao aluno/leitor criar e recriar situações do mundo real, de modo que a leitura acontece de forma mais prazerosa, além disso, explora a visão crítica e criativa do aluno. Nesse momento, faz-se necessário que o professor tenha autonomia e conhecimento daquilo que se pretende trabalhar e se apropriar do conhecimento em função do saber como fazer, sendo um mediador do processo de ensino-aprendizagem.

Aprender requer uma atividade intelectual. Só se engaja em uma atividade quem lhe confere um sentido. Quando esse sentido é afastado do resultado visado pela ação de estudar, o engajamento nesta é frágil. Ao contrário, quando motivo e objetivo da atividade coincidem, esta faz muito sentido e sente-se prazer ao desenvolvê-la e, ainda mais, ao atingir o objetivo. Atividade, sentido, prazer: esses são os termos da equação pedagógica a ser resolvida. (CHARLOT, 2014 p.67)

Pensando dessa forma, compreendemos que para chegarmos ao processo de aprendizagem dos sujeitos, precisamos identificar suas motivações internas, seus desejos, seus sonhos, sua visão de mundo, para então, a atividade desenvolvida possa fazer sentido. Segundo o autor, ao levantar a questão da mobilização, encontra-se o desejo, o inconsciente, o que resultará na construção de sentidos. Nessa ótica, a bibliotecária Sônia relata sua prática exitosa, quando consegue despertar na sua aluna Ana o desejo pela leitura, não só pelo texto verbal, como pelo não verbal. Nas suas palavras, ela destaca:

Os alunos chegaram, todos empolgados para realizar mais uma brincadeira (como eles chamam) e para fazer uma nova consulta. Eu havia programado uma troca secreta de livros, utilizados somente a leitura da capa e da contracapa. Eles podiam escolher e também, sugerir um livro para o seu colega. Envolvidos pelo contato com os livros, Ana veio até mim, com o tom de voz um pouco “revoltada”, ela não podia imaginar que no meio daqueles livros, havia todas as classificações, dentro da literatura infantil. Então ela falou:

-Professora, porque no meu livro está escrito que é para alunos da educação infantil? Está errado!

Eu disse:

- o que pode haver de errado nisso Ana?

-Não está vendo aqui professora, olha (leu para mim), está escrito educação infantil, eu faço parte do ensino fundamental I, eu não quero levar este livro para casa!

Então eu disse:

-Vou dá-lhe a chance de folhear o livro inteiro Ana, para que você possa descobri-lo melhor, e levá-lo para a sua casa.

Ela começou a folhear o livro, e com uma cara de espanto, disse:
-Professora o que eu vou ler nesse livro? Ele só tem imagens! Não tem como ler com os meus pais um livro assim! Não tem nada!

Naquele momento eu entendi a minha função, não só como professora, mas como alguém que precisa realizar um processo de encantamento. Peguei o livro, sentei-me ao seu lado, e disse:

-Vamos ler um pouco comigo? O restante você termina em casa, mas agora, quero te mostrar que nessas imagens existe uma história que nós podemos descobrir, e melhor, nem precisamos das palavras, assim, poderemos criar coisas ainda mais fantástica.

Ela sentou do meu lado, e aos poucos ela foi ficando com uma expressão de quem estava impressionada, o que começou a chamar atenção dos outros colegas, e logo, todos estavam prestando atenção na história. Ficamos ali por alguns minutos, mostrei que os livros que não possuem palavras também tem história, e cada um tem o direito de criar. Ao final da visita, Ana me disse:

-Professora, eu quero este livro, porque fiquei muito curiosa, e quero poder terminar a história. Agora, vou poder ler com meus pais, e posso dizer para eles que imagens são histórias, eu sei que eles vão adorar.

Na semana seguinte, quando a turma de Ana retornou, ela fez o relato da história, inventando e criando novos mundos, e o mais importante, Ana aprendeu que imagens são textos que precisam ser lidos. (EXCERTO DA BIBLIOTECÁRIA SÔNIA, 2017)

Podemos percebermos no relato de Sônia que sua aluna, inicialmente ao questionar o motivo de realizar aquela leitura, não encontrava sentido, não era significativo, sobretudo porque sua concepção de leitura estava relacionada apenas com o texto escrito. Na medida em que a bibliotecária faz a intervenção, possibilita a mediação na construção do conhecimento confirmamos a ideia de Charlot (2014) que só aprende quem tem uma atividade intelectual, quem busca, mas, para ter uma atividade intelectual “o aprendiz tem de encontrar um sentido para isso. Um sentido relacionado com o aprendizado, pois, se esse sentido for completamente alheio ao fato de aprender, nada acontecerá”. (CHARLOT, 2014 p.73-74)

Nessa prática, a aluna encontra significado para a atividade desenvolvida, uma vez que, ela consegue fazer a consulta do livro, e posteriormente, o relato, ela compreende o significado das imagens, da linguagem não verbal, e ainda, repassa esse conhecimento aos seus pais, que possivelmente, também deveriam ter a concepção que leitura só é possível através do texto escrito.

Para além da prática exitosa, percebemos também que a bibliotecária descobre um novo olhar sobre sua própria prática, e que esse momento se revela de aprendizagem para ambas, sendo possível (re) significar o ensino, já que “o essencial é que o aluno se aproprie de conhecimentos que tenham sentido para ele e que, ao responderem a questões ou resolverem problemas, esclarecem o mundo”. (CHARLOT, 2014 p.82)

Nesse processo, o referido autor, ainda pontua que a educação é um processo indissociável, ela é um movimento de dentro alimentado pelo que o educando encontra fora de si mesmo. Desse modo, é necessária uma mobilização pessoal do aluno e a ação do professor, na qual, o professor oferece o ensino, e o aluno se apropria de um saber significativa para a sua vida.

O professor/mediador é um eterno aprendiz, uma vez que o conhecimento está em constante mudança, para então entender que o ensino a partir da leitura de literatura pode transformar o aluno em um leitor crítico e reflexivo, oportunizando discussão sobre a própria experiência do aprendiz, utilizando-se da linguagem verbal e não-verbal, de forma que o leitor deve entender o significado implícito como também o explícito, destacando fatos relevantes de irrelevantes, acerca do que lê.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A formação do leitor é indispensável no desenvolvimento do indivíduo, pois um bom leitor é aquele capaz de ler e interpretar com criticidade um bom texto, assim poderá entender o mundo à sua volta com um olhar crítico e reflexivo. Assim é importante buscar estratégias de ensino que favoreça ao educando a melhor forma de desenvolver a prática de leitura, para que assim os mesmos se insiram na sociedade como sujeitos capazes de modificar a sua própria história.

A linguagem literária cria possibilidades no desenvolvimento da criança, atuando na oralidade, na formação do leitor, na imaginação, na motivação em ler por prazer, no relato de cada história, como também nos momentos em que as crianças se relacionam com os personagens fictícios das histórias. Para tanto, destacamos a utilização da linguagem verbal e não verbal nos espaços educativos para possibilitar uma aprendizagem significativa, conferindo sentido para as imagens, e entendendo-as de modo independente sobre o texto escrito. Uma vez que, se entende e se contextualiza essas práticas, os alunos podem viajar ainda mais no mundo da imaginação através da linguagem não verbal (uso de imagens).

Nessa perspectiva entendemos a leitura como prática social, dialógica, pois, possuem relação com o homem e com sua cultura, sobretudo, com sua história de vida e seu contexto, aspectos esses que, também passam por mudanças ao longo da vida, logo, as práticas de leitura também se modificam na medida em que a sociedade também evolui.

Por fim, destacamos também o envolvimento da bibliotecária Sônia com o seu trabalho, e o quanto as suas práticas mostram-se significativas para a formação de leitores, e, sobretudo, para a formação humana. Nesse estudo, foi possível entender que, o educando só aprende quando encontra sentido, e que por isso, precisamos desenvolver nos espaços formativos da escola, situações que possuam relações com o contexto vivenciado por cada um.

Além disso, deixamos claro também, a importância de trabalhar com diferentes linguagens em sala de aula, e na escola como um todo, pois o ensino não se dá apenas pela leitura do código escrito, é preciso entender essa leitura, desenvolvendo práticas de ensino, que resultem em sujeitos reflexivos, capazes de construir uma nova história e caminhar com um novo olhar sobre o seu processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. A respeito de alguns fatos do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças na alfabetização. In: ROJO, Roxane (org). **Alfabetização e letramento: perspectiva linguísticas**. Campinas – SP. Mercado de Letras, 1998. – (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramentos. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) **Gêneros textuais: Reflexões e ensino**. 3 ed. Editora Lucena, 2008, p. 119-132.

DUEK, Viviane Preichardt. **Educação inclusiva e formação continuada: contribuições de caso de ensino para os processos de aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores/ Viviane Preichardt Duek** – Natal, RN, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 44. Ed. São Paulo, Cortez, 2003.

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertextos multimodais – leitura e escrita na era digital/ Luiz Fernando Gomes**. Jundiaí, paco Editorial: 2010.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007. - (Coleção primeiros passos; 74).

MACHADO, Ana Rachel. **O diário de leituras: a Introdução de um Novo Instrumento na Escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PEREIRA, Elenice Alves. **Atendimento individual como estratégia de trabalho para alfabetização de crianças nos anos iniciais**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Faculdade de Educação. – Pau dos Ferros, RN, 2015.